

NEGÓCIOS BRASIL/NORUEGA

RONDINELLI TOMAZELLI



ALTA TECNOLOGIA O NOVO POLO SUBSEA

Rio mira na expertise da Noruega e cria cluster de óleo e gás

/// RONDINELLI TOMAZELLI
rtomazelli@redgazeta.com.br

BERGEN, NORUEGA

Diante da demanda crescente do pré-sal, a iniciativa privada e o governo do Rio de Janeiro articulam a criação de um cluster de subsea para produzir equipamentos de grande porte e tecnologias de ponta para extração e produção de petróleo e gás natural em águas profundas.

Empresários, Sebrae e representantes do governador Sérgio Cabral integraram a delegação brasileira na 19ª Conferência de Tecnologia Submarina (UTC) em Bergen, na Noruega, com foco em buscar parceiros e estudar o modelo institucional do cluster de subsea daquele país.

Se consolidada, a aliança estratégica das empresas do setor para desenvolver a cadeia petrolífera será inédita no Brasil. Além de aumentar a atratividade do segmento, o Rio sai na frente como a primeira referência de cluster regional no país e poderá agregar até empresas do Espírito Santo.

“É o caso da Jurong, não precisa de transferência física”, diz o superintendente



Delegação brasileira na feira da Conferência de Tecnologia Submarina em Bergen

US\$ 2 bilhões de financiamento

/// O objetivo do Rio é conseguir o financiamento de US\$ 2 bilhões para montar o polo de subsea nos próximos dois a três anos, a começar por turbinar a cadeia de fornecimento submarina. O próximo passo do cluster é criar um programa de implantação estruturando governança, custeio, pesquisa e desenvolvimento, primeiros investimentos e workshop unindo gran-

des e pequenas empresas.

Segundo o superintendente da ONIP, Carlos Camerini, o Rio identificou a oportunidade há dois anos, a partir de uma visita dos noruegueses. Em seguida, houve conversas com grandes empresas e com 30 de médio porte vindas até de incubadoras.

Gerente de inovação da BG Brasil, uma das 60 empresas que operam no Rio,

Giancarlo Ciola lembra que o Estado já concentra todos os elementos da indústria do setor - da cadeia de suprimentos e de pequenas firmas de software a centros de pesquisa e manutenção. “Falta agora é associá-los num parque tecnológico, juntar as engrenagens. A abertura do governo do Estado em vir à Noruega já é muito positiva”, avalia.

da Organização Nacional da Indústria do Petróleo (ONIP), Carlos Camerini. O projeto de peso, porém, que dependerá de um aval concreto da Petrobras – assim como faz a estatal de petróleo Statoil na Noruega, onde empresas se organizam coordenadas pelo governo e trocam farta expertise.

Junto a um núcleo de pesquisa das gigantes da área, a Petrobras funcionaria como âncora de um centro de serviços compartilhado - a expectativa é que só suas encomendas para sondas e navios FPSO, fora a demanda de outras operadoras, atinjam bilhões nos próximos anos. Com foco inicial em Macaé/Bacia de Campos, o arranjo concentrará na mesma área física empresas de atividades complementares, de forma colaborativa e abarcando fornecedores e subfornecedores de poucos recursos.

O polo subsea também vai agregar valor aos produtos, pois vai além do modelo de construção para a indústria naval hoje vigente nos Estados onde as bacias estão em franca operação. A Noruega já atingiu essa fase nos anos 1980. O governo

norueguês agora volta os olhos para o Brasil, onde a Statoil já é a segunda maior produtora de petróleo e gás, atrás da Petrobras.

Subsecretário de Desenvolvimento do Estado do Rio, Marcelo Vertis destaca que muitas fabricantes do exterior têm interesse em produzir no Rio, onde já estão GE, FMC e outras. “A Petrobras nos enviou aqui. A UTC oferece muitas inovações e queremos atrair parceiros e fornecedores para o Rio. O governo é um animador e está otimista”.

Para o vice-presidente da Federação das Indústrias do Rio (Firjan), Raul Sanson, a Petrobras investe pesado, mas falta saber se haverá substituição de importação e se o governo federal vai reduzir o “custo Brasil”. “Estou otimista. A Firjan cuidará da qualificação profissional e a Petrobras dá sinais positivos de ser parceira, mas falta o governo do Rio entrar com sua parte oferecendo benefícios fiscais e incentivos tributários, por até cinco anos, para dar às indústrias nacionais e do exterior condições competitivas dentro do polo até que consolidem a produção”.



RONDINELLI TOMAZELLI

Apreendeu a montar brocas de tanto consertá-las.

O empresário capixaba Leonardo Detoni se aliou à ABRASDI buscando oportunidades de negócios com petroleiras.

“Teremos uma nova empresa só de brocas de perfuração de poços. Vamos agora levar para a Petrobras testá-las. A previsão é comercializar no final do ano”.

— **SERGIO NEVES MONTEIRO**, diretor da ABRASDI



RONDINELLI TOMAZELLI

Indústria de petróleo do país dá impulso ao cluster subsea.

É crescente o elemento submarino da produção. Processos como a separação dos resíduos são deslocados para o leito do mar.

“A viagem é mais um ciclo do processo. O governo e as empresas da Noruega, que atuam no Brasil e têm um centro de pesquisas no Rio, cooperam conosco”.

— **CARLOS CAMERINI**, superintendente da ONIP



RONDINELLI TOMAZELLI

Fornecedores locais cobram apoio para produção.

No cluster, não se pode dar incentivo tributário a quem vier de fora e sufocar o empreendedor local, alertam empresários do Rio.

“Falta um crivo da Petrobras para o cluster. Já temos demanda e oferta, mas precisamos de ajuda na geração de negócios e na inteligência corporativa”.

— **HENRIQUE SANTOS**, produtor de sensores e moldes

Capixaba vai fabricar brocas

Tungstek criou joint venture e busca parceiros para entrar no mercado mundial

▄ **RONDINELLI TOMAZELLI**
rtomazelli@redgazeta.com.br

BERGEN, NORUEGA

Após acumular vasta experiência em manutenção de brocas de perfuração e extração de petróleo e gás, um empresário capixaba alça voos para entrar no restrito time das fabricantes gigantes do equipamento.

Leonardo Detoni, da Tungstek do Brasil, localizada em Vitória, formou com a ABRASDI Diamond Abrasives uma joint venture que já produziu dois tipos de brocas para petróleo (tricônica e cilíndrica), sem contar outra específica criada para obras de fundações de edifícios.

Ele agora busca parceiros e financiamento para se tornar um player competitivo no mercado mundial. Por ora, a própria Petrobras e a OGX de Eike Batista despontam como clientes potenciais. “O Brasil não produz isso, só multinacionais. Queremos competir e temos o mundo todo como mercado potencial”, afirma o engenheiro Sergio Neves Monteiro, do Instituto Militar de Engenharia e diretor da ABRASDI.

Sergio integrou a delegação brasileira na Norue-

INVESTIMENTO

R\$ 500 mil

Foi o aporte inicial da Tungstek e ABRASDI para produzir os equipamentos.

ga disposto a vender a inovação, conhecer a expertise do país e fazer networking com empresários brasileiros da própria missão. A Tungstek hoje fornece serviços na área de mineração para corporações como Vale e Samarco. Para entrar no ramo de óleo e gás, a empresa deu início a um plano de negócios.

“Fizemos um aporte entre R\$ 400 e R\$ 500 mil. Estamos em busca de incentivos do governo e de financiamentos, quem sabe da Noruega”, destaca o engenheiro. Só numa operação específica, exemplifica, são necessárias de uma a cinco brocas, com preço individual de R\$ 50 mil – elas são encaixadas na sonda para perfurar rochas no mar.

Detoni ganhou expertise recuperando esses equipamentos. Com os altos impostos e custos do transporte da máquina danificada de volta às fabricantes no exterior, os operadores no Brasil viraram seus clientes

por um simples detalhe: o preço muito mais barato. “Detoni é um superempresário. Ele faz toda a manutenção em Vitória e vai agora começar a fabricar brocas. Nosso diferencial, em relação à exigência de conteúdo local no setor, é que somos uma empresa 100% brasileira”, pontua Sergio.

Num intercâmbio de futuros negócios no Coast Center Base de Bergen (CCB), as 12 firmas brasileiras da delegação fizeram uma rodada de apresentação com oito companhias norueguesas do cluster de subsea. Com grande expertise em clusters, Bergen tem quase 28 mil trabalhadores em 1361 firmas ligadas ao setor de óleo e gás, além de forte investimento em pesquisa e desenvolvimento.

O Espírito Santo tem estreitado as relações bilaterais com a Noruega, que exporta expertise na produção de petróleo e gás natural (hoje produz mais gás). Em arremate junto à Petrobras, a estatal Statoil garantiu participação em todos os blocos de petróleo no litoral capixaba ofertados no leilão da recente 11ª rodada da Agência Nacional de Petróleo. A Noruega também fez acordos de cooperação com o governo capixaba, um deles enviando estudantes de Vila Velha para intercâmbio no país.

Tecvix vira fornecedora e quer competir com gigantes do setor

▄ Única empresa capixaba presente na Feira de Tecnologia Submarina (UTC) de Bergen, a Tecvix Planejamento e Serviços, de Aracruz, tenta alcançar gigantes e ser a primeira do Brasil a fabricar uma linha de produção de equipamentos flexíveis offshore.

Mais especificamente, um desses produtos é um invólucro, semelhante ao plástico, que envolve os dutos de petróleo do poço até o FPSO. Competindo com FMC, Orteng e outros conglomerados mundiais que detêm o controle dessa tecnologia, a empresa capixaba age mais discretamente,

mas consolida espaços. Foi a única firma de médio porte qualificada em edital do projeto Inova Petro (que recebe fundos do Prominp, FINEP e BNDES), da Petrobras, para fornecer produtos e acessórios para resistência física e bends.

Avançando no mercado de energia, a empresa 100% brasileira começou a prospectar negócios na UTC. “A produção está começando. Estamos buscando parceiros e iniciamos conversas com duas empresas da Noruega. No Brasil, ninguém fabrica essa linha”, frisa o consultor Márcio Alencar, representante

da Tecvix na Noruega.

O cluster de subsea da Noruega faz acordos com outros países para compartilhar tecnologias e fazer parcerias, inclusive com o Brasil. A mais recente medida foi a criação do site Subsea Index, da qual o governo capixaba é parceiro. Com base de dados de 500 usuários registrados, sendo 100 empresas brasileiras, a plataforma eletrônica integra clientes e fornecedores de equipamentos subsea do mundo todo. O repórter viajou em visita técnica a convite da Innovation Norway, instituição do governo norueguês.